



Site do autor: livrosqueardem.com

Caro leitor irá notar que esta pequena crônica, por vezes, vestirá casaco e gravata como o amigo Sérgio Style. Em certos parágrafos, falará como um advogado reformado ; noutros, como um cliente da Boa Malta depois do terceiro copo e da quarta opinião política não solicitada.

Não será distração.

Será método.

Avancemos.

Vede, caro leitor, que não vos escrevo de um gabinete refrigerado da Sommerschield, nem de uma dessas repartições onde os papéis envelhecem sem jamais produzir sabedoria. Não. Escrevo-vos da esplanada Boa Malta, junto ao Mercado Janete, esse vasto parlamento popular onde as vozes sobem mais alto que os preços e onde as promessas valem menos do que o troco.

Tenho por nome Janeiro. Alguns chamam-me doutor; outros, contabilista; os mais sinceros chamam-me apenas “aquele homem que passa o dia a olhar para os outros”. Aceito todas as designações, porque a vaidade é um imposto que se paga sem recibo.

Enquanto o sol de Maputo castigava o zinco das bancas e derretia a dignidade dos transeuntes menos prevenidos, pedi uma cerveja .

Não para refrescar a garganta, que esta é de ferro.

Mas para lubrificar a engrenagem do juízo.

Porque, se desejais compreender a humanidade, não consulteis filósofos. Os filósofos complicam o que já nasceu complicado. Consultai antes um livro de Razão. A alma humana é uma empresa mal administrada. Tudo nela se resume a créditos, débitos, perdas, lucros e falências morais.

Abri então o meu caderno.

E comecei a lançar os movimentos do dia.

Lançamentos no Diário de Bordo

Caso Primeiro: O Doutor da Ostentação

Chegou num jipe tão reluzente que o sol pareceu pedir licença para refletir nele.

Estacionou em segunda fila, terceira fila e, moralmente falando, em todas as filas possíveis. Saiu do veículo com a solenidade de quem desembarca para assinar um tratado de paz.

Falava ao telefone.

— Milhões... contentores... investidores...

A voz era tão alta que até os peixes do mercado ficaram informados das suas operações internacionais.

Sentou-se.

Pediu cigarros.

E passou os cinco minutos seguintes a discutir com um rapazito da rua um desconto de cinco Meticais.

O leitor ri-se?

Eu também.

Mas por dentro.

Que é onde as melhores gargalhadas acontecem.

Abri o livro.

DEVE

- * Três anéis de ouro;
- * Um jipe aparentemente milionário;
- * A pose de quem controla metade da economia nacional;
- * Uma barriga respeitável.

HAVER

- * Duas chamadas perdidas da cobrança bancária;
- * Um arrepio involuntário sempre que passa uma viatura policial;
- * Uma coleção de dívidas mais extensa que a Avenida de Angola;
- * Saldo nulo na conta da serenidade.

Anotei no rodapé:

“Ativo altamente especulativo. O jipe é alugado. O prestígio também.”

Nesse momento, o homem soltou uma gargalhada tão forçada que até a cadeira pareceu desconfiar.

Caso Segundo: A Mamana do Peixe e da Sabedoria

Veio do interior do mercado.

Capulana vermelha.

Passo firme.

Bacia vazia na cabeça.

E olhos cheios de coisas que os economistas não sabem medir.

Sentou-se por dois minutos.

Pediu uma Fanta.

Bebeu-a lentamente.

Depois observou o Doutor do Jipe.

Não com inveja.

Nem com admiração.

Mas com aquele desprezo silencioso que apenas as mães e os juizes aposentados sabem produzir.

Foi um olhar tão frio que quase provocou neve sobre o bairro da Malhangalene em Maputo.

Abri novamente o livro.

DEVE

- * Dores nas costas;
- * Cansaço acumulado;
- * Mãos gastas pelo trabalho;
- * Pouca paciência para tolices.

HAYER

- * Três filhos formados;
- * Nenhuma dívida;
- * Consciência tranquila;
- * Um riso capaz de comprar felicidade sem recorrer ao crédito.

Acrescentei:

“Fundos de reserva inesgotáveis. O mercado financeiro chama-lhe pobre. O universo chama-lhe rica.”

A mamana terminou a Fanta.

Levantou-se.

E saiu.

Mas deixou atrás de si uma espécie de dignidade invisível.

É curioso, leitor.

Há pessoas que entram numa sala ocupando espaço.

E outras que saem dela deixando presença.

Caso terceiro: O Influencer de Esplanada

Sentou-se dois lugares à minha frente.

Óculos escuros.

Corrente brilhante.

Camiseta com palavras inglesas que provavelmente nem ele compreendia.

Pediu um Stella Artois.

Não para beber.

Mas para fotografar.

Durante duas horas.

Mudou o copo de posição.

Mudou a cadeira.

Mudou a expressão facial.

Mudou até o penteado.

A Stella permaneceu imóvel, envelhecendo como um funcionário público à espera da reforma.

Finalmente publicou a fotografia.

Sorriu.

Consultou o telemóvel.

Sorriu outra vez.

Depois ficou sério.

Muito sério.

Daqueles sérios que só a internet consegue fabricar.

Abri o livro.

DEVE

- * Dados móveis quase esgotados;
- * Sede;
- * Vaidade em expansão;
- * Dependência digital aguda.

HAVER

- * Quatro mil fotografias;
- * Dez mil seguidores;
- * Três amigos verdadeiros;
- * Um déficit colossal de autenticidade.

No rodapé escrevi:

“Património construído em likes. Moeda sujeita a inflação instantânea.”

Nesse instante chegou uma notificação.

O rapaz abriu um sorriso tão grande que pensei que tivesse herdado uma fortuna.

Era apenas um coração vermelho.

Os tempos mudaram, leitor.

Antigamente as pessoas apaixonavam-se.

Hoje contabilizam reações.

Caso quarto: Próprio Contabilista

Foi então que cometi o erro fatal.

Olhei para mim.

Nenhum contabilista gosta de auditar a própria empresa.

Porque conhece os truques.

Conhece os desvios.

Conhece os buracos escondidos.

Abri uma página nova.

E escrevi.

DEVE

- * Horas perdidas a observar desconhecidos;
- * Arrogância intelectual;
- * Cinismo acumulado;
- * O prazer suspeito de julgar os outros.

HAVER

- * Uma 2 M;
- * Algumas observações espirituosas;
- * Pouca utilidade prática;
- * Nenhuma absolvição.

Fiquei a olhar para a página.

Não gostei do resultado.

O que é geralmente um excelente sinal de que ela está correta.

O Fecho do Exercício

A tarde desceu sobre o Mercado Janete.

O trânsito engrossou na Avenida Vladimir Lenine.

Os vendedores recolheram mercadorias.

Os clientes recolheram preocupações.

Os políticos recolheram promessas para reutilizar amanhã.

Pedi a conta.

Nelio o empregado trouxe-a com a serenidade de um homem que já viu todas as formas de loucura humana e decidiu não comentar nenhuma.

Paguei.

Levantei-me.

Fechei o livro.

E compreendi, tarde demais, que a minha grande falência não estava nas páginas dos outros.

Estava na necessidade de as escrever.

Porque observar a humanidade é um passatempo.

Mas julgá-la é um vício.

E os vícios, como bem sabe qualquer contabilista, acumulam juros.

Saí da Boa Malta enquanto o crepúsculo derramava cobre sobre os telhados do Janete.

Levei comigo apenas setenta Meticais a menos e algumas ilusões a mais.

Quanto ao leitor, deixo-lhe a conclusão.

Paguei a minha cerveja com duas notas reais e uma nota de cinismo. Ao fechar o meu livro, concluí que Maputo não é uma cidade; é uma gigantesca auditoria onde todos tentamos camuflar o nosso défice de alma. Se o leitor discorda, faça o favor de lançar o seu protesto na coluna dos custos incorridos. Eu, por mim, vou-me à vida antes que o Destino me venha cobrar os juros.

FIM